

Projeto *A ressurreição do sol: a filosofia e a vida comum no contexto cultural-comunicacional pós-moderno*

*Coordenador: Marcio Tavares d'Amaral (professor titular emérito, fundador e coordenador do IDEA - Programa de Estudos Avançados e do Laboratório de História dos Sistemas de Pensamento / Escola de Comunicação da UFRJ)
<http://lattes.cnpq.br/7322409196325122>

INTRODUÇÃO / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde 2000, os projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito do Laboratório de História dos Sistemas de Pensamento, vinculado ao IDEA - Programa de Estudos Avançados da ECO/UFRJ, voltaram-se para a tentativa de compreender os desafios propostos pela nossa atualidade sociocultural globalizada, cuja expressão filosófica mais evidente e autossustentada é em geral chamada “discurso pós-moderno”, ou simplesmente “o pós-moderno”¹. Trata-se de nome não isento de problemas, pois é disseminado, não faz unidade, não constitui escola, não defende, propriamente, doutrinas. É mesmo difícil de localizar na sua forma discursiva pura. Podemos reconhecê-lo em autores franceses como Lyotard, Baudrillard, Serres, Latour (mas *não*, como às vezes apressadamente se diz, em Foucault, Deleuze, Derrida, Simondon, Levinas²). Podemos dizer que o termo “pós-moderno” vale para as sociedades dirigidas para o consumo generalizado, aplica-se aos valores de individualismo, hedonismo e desafeição de toda alteridade, vigora para a virtualização do capitalismo sob sua forma financeira, envolve a planetarização da técnica, a ideologia da eficácia e a globalização como está sendo praticada.

As atitudes diante dessa nova, desafiadora e assustadora conjuntura são a de uma adesão eufórica ou as de uma reatividade denegadora ou (não se excluem, aliás) de um ressentimento irritado ou triste, como se, nesses dois casos, tivéssemos sido privados de algo de primeira necessidade com que estávamos confortavelmente acostumados, e lançados num vendaval de simulações e simulacros, de faz de conta de real, de negação

¹ Os referidos projetos de pesquisa são: "Comunicação e transcendência: o desafio da cultura atual, entre o moderno e o contemporâneo" (2000 a 2003); "Uma ciência da comunicação ainda é possível? – O problema do Mal na cultura contemporânea" (2003 a 2006); "Investigação do sistema de pensamento 'religião' no campo comunicacional contemporâneo: um novo olhar sobre a verdade" (2007-2010); e "História Filosofia Religião: interfaces na cultura comunicacional pós-moderna" (2011-2017). Tais projetos estão associados ao desenvolvimento do Curso "Comunicação e História do Pensamento", oferecido no Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ desde 2002.

² Cf. LYOTARD (1998); BAUDRILLARD (1981, 1985 e 1992); SERRES (1977 e 1994); LATOUR (1994); FOUCAULT (1971, 1981, 1983, 1987, 1988 e 1994); DELEUZE (1986 e 1988); DELEUZE & GUATARRI (1980 e 1992), DERRIDA & VATTIMO (2000), SIMONDON (1958 e 1962); LEVINAS (1993).

da verdade e dos fundamentos do ser, dizer, fazer, pensar que eram os nossos há ainda pouco tempo. É verdade que “o pós-moderno” tem a pretensão do discurso único, que a globalização está se operando por uma via unidimensionalizante, do consumo, com o achatamento das diferenças e alteridades, que ficam inseridas em figurações reacionárias e defensivas, ou são condenadas ao desaparecimento, mais dia menos dia, porque “a história acabou”. O mundo do qual culturalmente fazemos parte ficou paralisado, ou simplesmente se retirou. Mas também é verdade que as potências das novas tecnologias, a virtualização do mundo posto em modelos operatórios, a capacidade de produzir verossimilhanças quando a verdade se oculta, ou já não se sabe o que é verdade, fazem parte dos modos atuais de ser. Não menos do que a referência ao que é real “fora de nós”, ao Outro, aos fundamentos e à verdade do mundo, das coisas e das gentes. O risco está em a ideologia da eficácia pura fechar todos os horizontes de sentido do mundo para nós — e sobretudo para os que nós não somos, e estão excluídos de ser, se só há, ou houver, um modo de ser, determinado pela capacidade de consumir³.

A Comunicação Social é terreno especialmente propício para pensar e verificar tais diagnósticos. A *cultura da comunicação*, que antes tendia a colocar em contato sujeitos em torno do real, do fato a ser comunicado, e eles em conjunto encontravam seu *sentido* (verdade), começou a ceder espaço a uma *cultura da informação*, em que já não se trata de sujeitos em laço comunicacional, mas de operadores, de virtuais, sob a regência da *eficácia tecnológica*. Não por acaso a palavra “pós-verdade” foi, há dois anos, eleita pela *Oxford Dictionaries* o verbete característico do ano de 2016 (*post-truth*). O termo *fake news* entrou definitivamente na agenda de discussão social, apontando que a demonstração da verdade, além de ter se tornado extremamente difícil pela imensa proliferação de narrativas e versões dos fatos em todos os veículos e redes, foi se tornando dispensável (para alguns, impossível). No limite, a busca pela verdade está “desansiosa”, quase sem sentido e sem reconhecimento. Restam-nos simulacros e simulações (do real, da verdade, do sujeito e dos fundamentos), os quais, se forem eficazes, funcionais e nos atenderem em algum sentido (sentido este variável a cada um e a cada uma), que assim seja⁴.

³ Os diagnósticos da nossa realidade contemporânea e seus desafios estão mais amplamente registrados no projeto de pesquisa “História Filosofia e Religião: interfaces na cultura comunicacional pós-moderna” e em AMARAL, 2004, 2009, 2010, 2014, 2015, 2016 e 2017.

⁴ Para muitos, a (uma) verdade só pode ser encontrada ou vivenciada nos fundamentalismos, especialmente os de cunho religioso (e hoje em dia também políticos).

Entretanto, a cultura que ainda se chama de *ocidental* funcionou, por quase dois milênios e meio, perguntando pelo motivo de serem as coisas, por sua razão de ser, por sua verdade, e identificando essa motivação com o império das *causas*, que são *sabíveis* e *comunicáveis*. O tempo correu, e no final do século XX interditaram-se essas evidências antigas. Tudo veio a ser experimentado apenas pela sua capacidade de efetuar, efetivar, produzir efeitos, estocar, guardar *informação*. Do fundamento-comunicação à eficácia-informação: podemos contar essa história.

Apesar de os chamados pós-modernos decretarem, sem discussão (o que faz todo o sentido, aliás), os “fins” da história, do real e seu fundamento, e sua verdade, do sujeito/observador e sua capacidade de representar e extrair da representação a verdade do representado — apesar de tudo isto não admitir contra-argumento, pois para tanto seria necessário regressar aos territórios desertados dos fundamentos e raízes, ao pensamento crítico —, a trajetória de pesquisa empreendida nos últimos projetos permitiu constatar que havia uma atitude inteiramente legitimada a se tomar diante do paradoxo contemporâneo: tratar o momento pós-moderno como um tempo da história em que se diz e se experimenta que a história acabou. E contar essa história, a partir do e na direção do momento pós-moderno. Dispomos da totalidade da História. Não é preciso ser “neutro” em relação a ela. Podemos usá-la para traçar, como foi proposto anteriormente, uma (específica) *história dos paradigmas* da cultura ocidental. É fato que voltar à origem das coisas pode fazê-las seguir.

Para isso, o projeto anterior aprofundou-se nas hipóteses e nos estudos sobre a formação e a identidade da cultura ocidental contemporânea, recuperando suas duas fontes originais: a cultura grega (pautada no Ser e na Razão) e a cultura judaica (baseada nos fundamentos da Fé e de Deus). Desenvolvemos, então, uma história dos paradigmas da cultura ocidental desde a sua origem, ou seja, a partir da confluência das suas duas procedências, até o momento em que se diz que "a História acabou". Nesse sentido, buscamos identificar os movimentos de aproximação, refutação, tensão e descontinuidade entre os fundamentos de Fé e Razão experimentados no sistema/campo História-Filosofia-Religião. Tal percurso permitiu ampliar as reflexões sobre o regime da eficácia como paradigma cultural contemporâneo, bem como verificar suas causas, efeitos e desdobramentos.

O conjunto dessa ampla pesquisa deu origem à coletânea *Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos*⁵, projeto previsto para oito volumes, aprovado e publicado, ao ritmo de um volume por ano, pela editora UFRJ (A Patrística, Os Gregos, Os Medievais, Os Modernos, Kant, Hegel, Kierkegaard e Schopenhauer, e Nietzsche), desde 2015, com previsão de conclusão de lançamento até 2022⁶. O percurso dessa história dos paradigmas filosóficos (uma história específica e distinta em relação ao estudo tradicional e recorrente dos sistemas de pensamento⁷) permitiu observar particularidades e oportunidades do cenário contemporâneo ocidental, especialmente no âmbito da Comunicação.

O fim da História é *condição*, e não consequência, da experiência pós-moderna. Condição absoluta. É difícil fugir à ideia de que o paradigma da eficácia exige um absoluto de tempo negativo para nesse vazio se instalar. Um zero absoluto de tempo, um tempo do *pós* absoluto, negatividade pura e instauradora de um *novo* tempo (*pós*), uma época além do tempo *real*, do qual a História teria sido a experiência moderna. Teríamos chegado, então, a um "fim da linha" da História⁸.

À medida que as nossas análises avançavam e chegavam à nossa época, cada vez mais apareceu evidente, e chocante que não seja generalizadamente assim reconhecida, a probabilidade de que também a filosofia "tenha acabado", e que portanto os pós-modernos talvez tenham razão quando dizem que o real (o objeto da filosofia) não gera mais interesse. O real esteve "mudando de pele" no último século. Talvez até já tenha mudado e nós não tenhamos percebido, porque ficamos presos aos sistemas de pensamento, porque nos esquecemos de ser atenciosos com o real, seja lá o que ele for agora. Então, pode ser mesmo que não haja mais filosofia. E isso não chega nem a dar um susto em todos nós. Em alguns, ainda dá.

No primeiro quarto do século passado (já há quase cem anos), Heidegger (1970c) admitiu a possibilidade de que a filosofia tenha acabado, ou que estivesse

⁵ O título é uma metáfora para o Ocidente, terra onde o sol de põe (*Abendland*). É uma metáfora, mas esperamos que possa dar conta do momento tortuoso em que vivemos, em que se diz que a História acabou. Da mesma forma, o título do projeto atual (*A ressurreição do sol*) prevê uma metáfora de esperança de continuidade do percurso histórico.

⁶ Foram publicados os três primeiros volumes pela Editora UFRJ (Cf. AMARAL, 2015, 2016 e 2017). O quarto está em fase de editoração e o quinto está sendo escrito e revisto.

⁷ Ver especialmente o texto de Abertura da coletânea *Os Assassinos do Sol* (Cf. AMARAL, 2015, p. 9-51).

⁸ A questão do "fim da linha" da História foi amplamente desenvolvida em oito edições do Curso "Comunicação e História de Pensamento", oferecido pelo PPGCOM-ECO, entre 2014 e 2017.

acabando ali naquele tempo, mas que talvez o pensamento pudesse continuar ativo, porque pensar é mais do que conhecer. Já a filosofia, desde o século XVII, estava se dirigindo a ser uma forma de conhecimento paralela à ciência. Nesse sentido, pode ser mesmo que a filosofia tenha acabado, porque foi progressivamente deixando de ser o modo de pôr a mão sobre a vida, de pegar na massa da vida, de passar a mão na pele da vida, de colar na pele da vida. Cada vez mais a filosofia passava a se dedicar a sistemas fechados de produção de verdade em si mesma (a verdade em si mesma e a verdade produzida por um sistema nele mesmo). Nesse cenário, o real está fora, mas está fora de um modo tal que não importa nem que ele esteja fora e nem que haja real. A filosofia morre, perde vigor, quando se fecha em sistema. Pode-se dizer inclusive que os megassistemas filosóficos se adoram (e se necessitam) porque são capazes de se demonstrar. Foi exatamente isso que, no século XIX, levou a ciência a ganhar o trono da verdade: o fato de ela poder se demonstrar. Mas, cabe ressaltar, a ciência se demonstra ao fazer a experiência do real. A filosofia, quando totalmente fechada no seu sistema discursivo, não precisa alcançar o "murmúrio do fora", como Foucault (1994, p. 22) chegou a chamar (o fora que não entra e que não é para entrar).

Desse modo, a filosofia pode estar mesmo morta, e insepulta, o que é desconfortável para quem ainda tem interesse no real. E, cremos, é preciso ter⁹. Se a filosofia acabou, a sua pergunta-mestre sobre o ser (e a sua verdade, suas raízes, o pensamento radical que ratifica os fundamentos dessas raízes) acabou. E tudo fica deslizando, portanto, na superfície das aparências, das versões, das narrativas, das pós-verdades, das realidades alternativas.

Para este projeto, partimos do pressuposto de que exatamente nesse "fim da linha", nesse paradoxo constitutivo, pode se infiltrar um *pensamento* que deseje arguir, fazer questão, pôr em questão. Exatamente aqui, onde talvez não haja mais sol para iluminar e percorrer uma História, apostamos que esse astro possa ressurgir. Exatamente aqui apontamos hipóteses, diagnósticos e alternativas capazes de fazer o pensamento

⁹ "O pensamento é coisa de vida e morte. Mesmo. Se pensarmos, como é geralmente reconhecido, que a globalização feita pela economia virtual, pelos mercados financeiros e o consumo generalizado (inclusive, ou sobretudo, simbólico) não dá conta da totalidade do mundo humano e deixa fora do sistema metade da humanidade, teremos, se a História tiver acabado (com o real, a representação e a verdade) 3.000.000.000 (três bilhões!) de pessoas congeladas no passado, sem futuro nem esperança. É em nome deles que devem se mover o pensamento e a insistência nas estruturas de comunicação (porque a simples informação é dado, serve ao consumo e à eficácia, não é sentido, não serve à vida)." Ver projeto de pesquisa anterior em: <http://historiafilosofiareligiao.com/hfr/uploads/file/Projeto%202014_Marcio%20Tavares%20d%C2%B4Amaral.pdf>. Acesso em abril de 2018.

seguir (e até a filosofia renascer). Reconhecemos aqui a necessidade de novamente voltar a alguma origem. Agora não mais da cultura ocidental, não mais dos paradigmas filosóficos, mas à origem de diferentes formas de pensar, distintas das que os sistemas pensamento exigem de nós.

Eis a hipótese central: desligado da vida, o pensamento morre (a crise pós-moderna atesta isso). E a vida perde a dimensão do *sentido*. O inimigo do pensamento é o *espírito de sistema*, que o empobrece e envenena a vida. À medida que a filosofia foi se tornando independente do real, fechada em si mesma, se algo falhar no sistema, tudo o que decorre daí falha. Até o século XIX, especialmente com Hegel, seguiu-se um extenso movimento de encontrar, validar e refutar os elementos que constituíam os sistemas, bem como suas eventuais "falhas" (embora alguns autores, depois dele, tenham voltado a insistir na potência do pensamento, em detrimento do espírito de sistema).

Nesse sentido, pode ser que estejamos em um excitante e benéfico momento em que "algo quebrou" nos grandes sistemas. E não qualquer "algo", mas "sujeito", "representação", "verdade", "fundamento", "real". O que se propõe é que, se esse algo realmente quebrou (pode ainda ser que não), é possível que estejamos em uma época privilegiada em que temos que reaprender a pensar fora dos sistemas. Mas não caoticamente, não opinativamente, visando apenas narrativas, casualidades, acasos, *fakes*, simulações e simulacros. Temos que aprender a repensar os grandes sistemas de forma positiva, porém crítica, sem se sistematizar. De novo, o pensar precisa se voltar para "o real" de "fora".

Temos à nossa disposição, entretanto, "contravenenos" a esse *espírito de sistema*. E eles podem nos ser oferecidos, acreditamos, pelas seguintes formas de encarar e vivenciar o pensamento (ou, de religar o pensamento à vida): pensar como *cuidado*; pensar como *confissão*; pensar como *ensaio*; pensar como *luta e destruição*. Devido à limitação exigida neste projeto, tais perspectivas serão esquematicamente apresentadas, destacando as principais referências com que estamos trabalhando.

No primeiro caso (*quando pensar é cuidar*), voltaremos a Sócrates, que admitia duas interpretações, portanto dois caminhos, derivadas do pensamento. Conforme Foucault (2011), uma dessas interpretações, seguida por Platão, baseava-se no "conhece-te a ti mesmo". Foi especialmente esta que recebemos dos gregos, ou seja, a

via que põe a questão do conhecimento e do sujeito de conhecimento. E houve uma outra, focada no "cuidado de si", que consistia, em linhas gerais, no trabalho de si sobre si mesmo. Esta especialmente nos interessa aqui. O "conhece-te a ti mesmo" prevaleceu sobre o "cuida de ti". Ainda segundo Foucault (*op. cit.*), do "cuida de ti" decorre o que seria uma forma de *espiritualidade* (palavra esta inicial e especialmente impensável na gramática foucaultiana, mas sobre a qual consideramos oportuno nos deter). Para isso, seria preciso recorrer às escolas filosóficas normalmente consideradas "menores" (estoicos, epicuristas, cínicos e cétricos), aquelas que, cada uma a seu modo, adotaram o "cuidado de si" (o trabalho de si sobre si mesmo) como estratégia de pensamento (e de vida). E, por isso mesmo, não produziram sistemas, já que um sistema precisa ter um objeto absoluto.

Generalizando, essas "escolas menores" não perseguiram, por exemplo, alcançar a (ou uma) verdade, mas, em casos específicos, a felicidade, o que, em primeira e última instâncias, exige um trabalho, dá trabalho (à vida e ao pensamento) para se constituir como algo realizável nas nossas vidas comuns. Esses modos de pensar (e de cuidar de si) não chegaram agora para nós, como chega um remédio de última hora quando o paciente já está em estágio terminal. Sempre estiveram ali, mas sempre foram tratados como "coisas menores", uma espécie de "menoridade da filosofia", mesmo quando se reconhecia que alguns deles tiveram enorme influência sobre a ética cristã, sendo, portanto, base de uma das fontes da cultura ocidental. Os pensamentos advindos dessas escolas são aqui vistos como um antídoto para o grande veneno da filosofia: o *espírito de sistema*. Nesse caso, os fundamentos teóricos dessa aposta estão nos três últimos cursos de Foucault (*A hermenêutica do sujeito, O governo de si e dos outros, A coragem da verdade*. Cf. 2011, 2012 e 2013, respectivamente) e no livro *Os assassinos do sol, vol. 2 – Os Gregos* (AMARAL, 2016). O *corpus* de análise previsto são as obras de Cícero (*Sobre a amizade*, Cf. 1928), Sêneca (*Cartas a Lucílio* Cf. 1991), Lucrécio (*Sobre a natureza das coisas*, Cf. 1955) e Marco Aurélio (*Pensamentos*, Cf. 1964).

Na sequência, e considerando a emergência do Cristianismo no século I, propomos um segundo contraveneno: quando pensar é *confessar*. A partir de Santo Agostinho, experimentamos um desafio ao pensamento (e à filosofia), que consiste em confessar algo, em pôr-se para fora, em mostrar-se em praça pública, e em não ter pudor disso (em certa medida, um contrário do "conhece-te a ti mesmo", voltado

essencialmente para o que está "dentro"). Os fundamentos teóricos nesse âmbito estão no livro *Os assassinos do sol, vol. 1 - A Patrística* (AMARAL, 2015); e o *corpus* de análise será a obra de Santo Agostinho *As confissões* (1980). Até este momento, o pensamento como "cuidado" e como "confissão" são os modos de enfrentar o *espírito de sistema* mais estudados dentro desta proposta de pesquisa. E inclusive já se estruturaram como cursos a serem oferecidos no PPGCOM da ECO-UFRJ, em 2018 e 2019. Mas há ainda outros a serem considerados.

Pela própria natureza do percurso de pesquisa que pretendemos conduzir, a Idade Média não será abordada, já que se trata especialmente da época dos grandes sistemas fechados. Seguimos, então, para o Primeiro Moderno, que, neste estudo, compreende o Renascimento e os séculos XVII e XVIII. No século XVI, encontraremos Montaigne, considerado um "pequeno filósofo" (ou nem mesmo filósofo, mas um escritor). Com ele, apostaremos no contraveneno *quando pensar é ensaiar*, que, basicamente, consiste em tentar e não conseguir e em tentar de novo... e não conseguir e tentar de novo... e de novo.... (cabe lembrar que em francês, "ensaio" é *répétition*, como o ensaio de uma peça em se repetem as cenas até que estejam prontas para serem vistas (e avaliadas e revistas e repensadas). No século XVII estará Pascal, também muitas vezes encarado como um "filósofo menor", que, com os seus *Pensamentos*, completa o arcabouço sobre o pensamento como ato de ensaiar. Na sequência, seremos ainda atraídos por um outro contraveneno: *quando pensar é lutar* (e até *destruir*): no século XIX, Nietzsche é, por excelência, o antídoto mais emblemático ao espírito de sistema. Dele trabalharemos sobretudo com seu livro *Crepúsculo dos Ídolos - Como filosofar a golpes de martelo*.

Pela proximidade histórica, talvez não seja possível pensar em continuações seguras deste projeto vivenciadas no século XX. Mas, *havendo História*, temos duas apostas sobre o exercício de pensar colado no mundo da vida e nas nossas vidas comuns: Heidegger (que até começou fazendo sistema em *Ser e Tempo*, mas depois manteve a proposta muito mais aberta de ensaios e conferências) e Foucault (que realmente criou o ambiente de relação profícua entre filosofia e história).

Desse modo, o que este projeto aponta é: é possível acreditar que a filosofia tenha acabado; mas, se considerarmos que a filosofia morre quando se torna *sistema*, ela vive ao se tornar contraveneno para a continuidade das condições de pensamento, como

o cuidado, a confissão, o ensaio e a luta/destruição. Este é o caminho que se traça como uma estratégia ou uma proposição não ressentida e não reativa ao que o momento pós-moderno (e todos os seus desafios e imperativos finalísticos) nos propõe.

Se esse movimento de narrativa e acompanhamento puder ser feito, estaremos em condições de oferecer ao mundo e à vida que vamos vivendo mais do que reatividade e ressentimento, ou adesão irrefletida. Seremos capazes de *propor*. Há, em todo esse trabalho, um imperativo ético, teórico e político, sobre o qual este projeto pretende se deter, enfocando desvios, continuidades e rupturas nas interfaces entre História, Filosofia, Religião e Comunicação na cultura pós-moderna.

OBJETIVOS

:: GERAL

- A partir da história dos paradigmas ocidentais traçada em pesquisas anteriores, este projeto tem por objetivo desenvolver e propor analiticamente formas de "religação" do pensamento à vida, baseadas no aprofundamento das discussões teóricas sobre as experiências do pensar como *cuidar*, *confessar*, *ensaiar*, *lutar/destruir*. Tal objetivo se relaciona à tentativa de superar o *espírito de sistema*, que tem marcado o pensamento e a filosofia na sociedade comunicacional pós-moderna.

:: ESPECÍFICOS

- Aprofundar os estudos e as reflexões sobre o regime da eficácia como paradigma cultural e comunicacional contemporâneo, bem como identificar suas causas, efeitos e desdobramentos na atualidade.

- Aprofundar os estudos sobre as formas como o pensamento e a filosofia têm se centrado no *espírito de sistema*, abandonando modos específicos de se relacionar propositivamente com a vida e o real.

- Aprofundar os estudos sobre os momentos da história dos paradigmas filosóficos em que o pensamento implicou as experiências e as reflexões sobre o *cuidar* (para além do conhecer), *confessar*, *ensaiar* e *lutar/destruir*, a partir dos autores mencionados na Fundamentação Teórica deste projeto.

- Verificar as condições de possibilidade de tais experiências serem (re)incorporadas aos modos de ser, dizer, fazer e pensar da sociedade comunicacional contemporânea.

METODOLOGIA

- Levantamento e revisão da bibliografia sobre os momentos da história dos paradigmas filosóficos em que o pensamento implicou as experiências e as reflexões sobre o *cuidar* (para além do conhecer), *confessar*, *ensaiar* e *lutar/destruir*.
- Constituição de hipóteses de trabalho, a serem testadas nos seminários internos do IDEA e do Laboratório de História dos Sistemas de Pensamento (ECO-UFRJ), nos eventos anuais “História Filosofia Religião: Conversações” (interloquções transdisciplinares iniciadas em 2011), e no curso "Comunicação e História do Pensamento", oferecido no PPGCOM da ECO/UFRJ.
- Realização de reuniões com o grupo de pesquisa do Laboratório de História dos Sistemas de Pensamento para orientações de monografias, dissertações, teses e publicações sobre temas correlatos a este projeto (especialmente no campo da Comunicação Social). Essa dinâmica envolve a participação de pesquisadores e professores (especialistas, mestres e doutores), além de alunos de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado com projetos individuais vinculados a este projeto. Tais orientandos serão estimulados a participar de jornadas e outros eventos científicos destinados a contribuir para o seu desenvolvimento na área de pesquisa.
- Elaboração, individual e coletiva (com a equipe do Laboratório de História dos Sistemas de Pensamento: pesquisadores, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, estudantes de Iniciação Científica), de artigos, ensaios e relatórios de pesquisa.
- Registro de parte das hipóteses e resultados desta pesquisa nos quatro volumes da coletânea *Os Assassinos do Sol* que estão em fase de preparação¹⁰ (ou em outra que poderá segui-la).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Sto. *Confissões*. (Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina), São Paulo: Abril Cultural, 2ª edição (Coleção “Os Pensadores”), 1980.
- AMARAL, M. T. d'. *Eu indivíduo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
- _____. *O homem sem fundamento*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1985.
- _____. *Comunicação e diferença: uma filosofia para uso dos homens comuns*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

¹⁰ Volumes referentes a Kant, Hegel, Kierkegaard e Schopenhauer, e Nietzsche.

- _____. *As ideias no lugar: tecnologia, mística e alteridade na cultura contemporânea* (org.). Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- _____. Sobre Tempos e História: o paradoxo pós-moderno. In: SANTORO, F.; FOGEL, G.; AMARAL, G.; SCHUBACK, M. (orgs). *Pensamento no Brasil - Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis - Fundação Biblioteca Nacional, 2010.
- _____. História Filosofia Religião: Conversações 1 (org.). Rio de Janeiro: E-papers, 2014.
- _____. *Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos (A Patrística - séculos I a VIII)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.
- _____. *Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos (Os Gregos - séculos VI a.C a I d.C)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2016.
- _____. *Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos (Os Medievais - séculos IX a XIV d.C)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2017.
- _____. BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Da sedução*. Campinas: Papyrus, 1992.
- _____. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1981.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Cícero. *L'amitié*. Paris: Les Belle Lettres, 1928.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Paris: Minuit, 1986.
- _____. *Le pli*. Paris: Minuit, 1988.
- DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mille plateau*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.
- DENNET, D.C. *Consciousness explained*. Boston: Litle, Brown & Comp, 1991.
- _____. *Darwin's dangerous ideal*. Nova York: Simon & Schuster, 1995.
- _____. *Kinds of minds*. Nova York: Harper Collins, 1996.
- DERRIDA, J; VATTIMO, G. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DESCARTES, R. *Méditations*. Paris: UGE, 1951.
- EHRENBERG, G. *L'individu incertain*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.
- FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

- _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Univ, 3 ed., 1987.
- _____. *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. *A coragem da verdade*. São Paulo, Martins Fontes, 2013.
- GOULD, S. J. *Darwin e os enigmas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. *Vida maravilhosa*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- GRAS, A; MARICOT, C. *Technologies du quotidien: la complainte du progrès*. Paris: Autrement, 1992.
- HEGEL, G. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HEIDEGGER, M. *Questions I*. Paris: Gallimard, 1970a.
- _____. *Questions II*. Paris, Gallimard, 1970b.
- _____. *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, 1970c.
- _____. *Ser e Tempo*. Partes I e II. Petrópolis: Vozes, 1988.
- KANT, I. *Oeuvres philosophiques*. Paris: Gallimard. 1985.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEIBNIZ, G. W. *Essais de théodicée*. Paris: Flammarion, 1969.
- LEVINAS, E. *L'éthique comme philosophie première*. Paris: Les éditions du cerf, 1993.
- LÉVY, P. *La machine univers*. Paris: La Découvert, 1987.
- _____. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. *O que é o virtual*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1996.
- LIPOVETSKI, G. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.
- _____. *O crepúsculo do dever*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas* (tradução de Antonio José de Lima Leitão). Lisboa: TYP de Jorge Ferreira de Mattos, 1955.
- MARCO AURÉLIO. *Pensées pour moi-même*. Paris: Garnier, 1964.
- MATURANA, H; VARELA, F. J. *The tree of knowledge – the biological basis of human understanding*. Boston: New Science Library, 1987.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

- _____. *The essays*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952.
- _____. *Oeuvres completes* (n. 14). Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1989.
- NIETZSCHE, F. *Oeuvres philosophiques completes*. Paris: Gallimard, 1971.
- NOVELLO, M. *Cosmo e contexto*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- PASCAL, B. *Pensées*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952.
- PINKAS, D. *La matérialité de l'esprit*. Paris: La Découvert, 1995.
- PLATÃO. *Collected dialogues*. Princeton: Princeton University Press, 1961.
- RHEINGOLD, H. *The virtual community*. Nova York: Harper Collins, 1993.
- RORTY, R. *Filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SANTORO, Fernando; FOGEL, Gilvan; AMARAL, Gisele; SCHUBACK, Márcia C. (org.). *Pensamento no Brasil - Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis - Fundação Biblioteca Nacional, 2010.
- SEARLE, J. *Mente, cérebro, ciência*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- SENECA. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- SÉRIS, J. P. *La technique*. Paris: PUF, 1994.
- SERRES, M. *Hermès IV – La distribution*. Paris: Minuit, 1977.
- _____. *Atlas*. Paris: Julliard, 1994.
- SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1958.
- _____. *L'individu et sa genèse physico-biologique*. Paris: PUF, 1962.
- SODRÉ, M. *O social irradiado*. São Paulo, Cortez. 1992.
- _____. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SPINOZA, B. *Oeuvres completes*. Paris: Gallimard, 1954.
- STENGERS, I. *L'invention de la science modern*. Paris: La Découvert. 1994.
- VARELA, F. *Connaître*. Paris: Seuil, 1991.
- VATTIMO, G. *O fim da Modernidade*. Lisboa: Presença. 1987.
- VAZ, P. *Um pensamento infame*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. *O inconsciente artificial*. São Paulo: Unimarco, 1997.
- VIRILIO, P. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

Anexos

Anexo 1: Comprovante da condição de colaborador(a) voluntário(a) no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ

Fonte: Plataforma Sucupira / Site do PPCOM-ECO/UFRJ

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
Programa: COMUNICAÇÃO (31001017064P6)

Vínculo do Docente com a IES	
Tipo de Vínculo: Servidor Público	Regime de Trabalho: Integral

Vínculo do Docente com o Programa

Categoria	Carga Horária Semanal	Início	Fim
COLABORADOR	40	01/01/2001	

CORPO DOCENTE DO PPGCOM-UFRJ

Cf. http://www.pos.eco.ufrj.br/site/corpo_docente_interna.php?id=24

The screenshot shows a web browser displaying the profile of Marcio Tavares D'Amaral on the website www.pos.eco.ufrj.br. The page features the logo 'Eco POS' and navigation links for 'IDIOMAS' (BR, EN, ES) and social media icons. The main content area is titled '// CORPO DOCENTE' and includes a 'VOLTAR' button. Below this, there is a section for 'MÍDIA E MEDIAÇÕES SOCIOCULTURAIS' featuring a profile for Marcio Tavares D'Amaral. The profile includes a photograph, a red button labeled 'CURRÍCULO LATTES', and an email address: marcio.damaral@terra.com.br. The text describes him as a Professor emérito da UFRJ, active in the School of Communication, and lists his research areas and academic achievements.

GRUPO DE PESQUISA ASSOCIADO AO PPGCOM, SOB COORDENAÇÃO DE MARCIO TAVARES D'AMARAL

http://www.pos.eco.ufrj.br/site/nucleos_de_pesquisa.php?id=8



IDIOMAS [BR](#) [EN](#) [ES](#) [Twitter](#) [Facebook](#)

[HOME](#) [REVISTA ECO-PÓS](#) [PUBLICAÇÕES](#) [NOTÍCIAS](#)

[CURSO](#) [LINHAS DE PESQUISA](#) [CORPO DOCENTE](#) [EMENTÁRIO](#) [DISCIPLINAS](#) [GRUPOS DE PESQUISA](#) [TESES E DISSERTAÇÕES](#) [ADMISSÃO](#) [SECRETARIA](#)

// NÚCLEOS DE PESQUISA

VOLTAR

- | CIBERIDEA
- | CIEC
- | ETHOS
- | FIP
- | IDEA
- | IMT
- | LECC
- | MJAE
- | NEPCOM
- | N-IMAGEM
- | PEIC

IDEA

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA DOS SISTEMAS DE PENSAMENTO

Criado em 1981 pelo professor Marcio Tavares D'Amaral, o IDEA - Programa de Estudos Avançados (ECO/UFRJ) tem como metas teóricas a investigação histórica sobre os paradigmas organizadores da cultura contemporânea e a discussão sobre as transformações que marcam a passagem da modernidade para a atualidade nos planos das linguagens, subjetividades, regimes discursivos, novas tecnologias, estética, ética e política. É formado por pesquisadores de diversas procedências teóricas e iniciativas metodológicas que se reúnem para trabalhar temas aglutinadores da história, da cultura e da sociedade contemporâneas. A partir das pesquisas realizadas, são elaborados periodicamente cursos, seminários e publicações. O IDEA atua tanto na pós-graduação quanto na graduação da ECO/UFRJ, além de contar com a participação de bolsistas e pesquisadores de outros departamentos e instituições. Para mais informações, clique [aqui](#).

Líder

Marcio Tavares D'Amaral

Vice-líder

Mauricio Lissovsky

le_pesquisa.php?id=8

Anexo 2:

Declaração de que não mantém vínculo empregatício com outra instituição.

Rio de Janeiro, 09 de abril de 2018.

DECLARAÇÃO SOBRE VÍNCULO EMPREGATÍCIO

Eu, Marcio Tavares d'Amaral, professor titular emérito da UFRJ, identidade nº 2.107.454, órgão de expedição IFP-RJ, CPF nº 003.750.559-91, residente na Avenida Rui Barbosa, nº 430, 2º andar, Bairro Flamengo, no Rio de Janeiro - RJ, DECLARO que não mantenho vínculo empregatício com instituição pública e/ou privada na presente data.



Marcio Tavares d'Amaral

Professor orientador

Coordenador do IDEA – Programa de Estudos Avançados

Escola de Comunicação - UFRJ